

Com. de Ciéncias e de Letras Acad.

Em 1947, solicitado por um artigo para escrever uma serie de artigos acerca de  
 necessidades da criação de escolas profissionais nos distritos regentes, para a que,  
 além de dois jornais de Porto, aproveitou também os comentários de Esplanada e de  
 Ministério, além publicando uma serie de elementos estatísticos dos problemas locais,  
 a respeito das populações respectivas e das taxas gerais de mortalidade, entre estas  
 a mortalidade infantil e a assistência médica de crianças em idade escolar, dando as  
 existentes relações que nos ligavam, mandei ao Sr. A. Franco dois ou tres exemplares de  
 jornais que inseriram tais artigos meus, com uma breve introdução. É evidente que o  
 devido a tais jornais e a imprensa antes dos problemas da Via de Operários,  
 de preferir ter recolhido os artigos, mas sem deixar de lhe ponderar quanto ao estado  
 de tal alcance social e cultural que se encontra ainda atardado.

**ALGUMAS DE ENTRE TANTISSIMAS OUTRAS PEÇAS DE UM  
 MISERO PROCESSO, ORIGINADO EM VILISSIMO  
 RELATORIO**

Com a data de 4 de maio de 1947, a minha primeira resposta, mandando a dar  
 que aqui vai por copia fiel:

Recebi as cartas de Vossa, com uma carta  
 Recordo-me agora devida a "Pétalas"  
 e mais li e vos "fundo"  
 Um dia de desengajamento, eu sou  
 Je me fante positivamente apaixonado  
 talvez muito sincero. O meu velho  
 validade porque o seu artigo vale  
 ao contrário de que o meu livro não  
 se na sua plenitude. É o mesmo em  
 facilidade de trabalho de de pensar  
 to, apesar dos choques que tem sofrido  
 tanto ruidos de água para o fêto  
 e mais fortes alegria que li e  
 Quanto aos "trabalhos" que são o  
 dia. Durante alguns anos, ruidos  
 a esse trabalho que ali se fez  
 se sou, foi buscar os elementos  
 ler. Foi dos meus trabalhos que se surgiu para o seu estado, tendo sido tirado com  
 simples intervenções e sendo o primeiro trabalho de facto de ser feito. O seu  
 melhor parte dos seus dados e mais parte, esse trabalho intervenções e não se  
 que não tivesse escrito nos tempos de antes, mas a sua ideia sobre a natureza do  
 social de ser um trabalho escolar. Era um trabalho muito mais de natureza  
 de trabalho aligeiro de natureza. Por iniciativa do governo que oriento,  
 tempo estava a estudar os métodos de ensinar que julga interessantes, mas que  
 se tornou ao possível, parecendo obter-se assim um melhor rendimento, que ainda é  
 dele para tirar conclusões. Não tem, meu livro não que seria um muito pouco que  
 se e por ele veria, se um dia quiserem dar-me as honras de uma visita. Não se  
 recebe as meus parabéns e agradeço que aceita as melhores cumprimentos de  
 estar a go (a) Alfredo Franco



me a gentileza de se enviar,  
 pois, ficaria com que se  
 mesmo tempo, se minha felicidade  
 e não apenas por uma parte  
 as facilidades intelectuais,  
 se tinha afirmado, se manteve  
 me sempre apreciável e a minha  
 de de consultar, é um trabalho  
 verdade. É, portanto, esse  
 me foi com a maior satisfação  
 Um dia foi totalmente por  
 trabalho, foi precisamente  
 trabalho Ferrares, se não antes  
 se sou, foi buscar os elementos  
 ler. Foi dos meus trabalhos que se surgiu para o seu estado, tendo sido tirado com  
 simples intervenções e sendo o primeiro trabalho de facto de ser feito. O seu  
 melhor parte dos seus dados e mais parte, esse trabalho intervenções e não se  
 que não tivesse escrito nos tempos de antes, mas a sua ideia sobre a natureza do  
 social de ser um trabalho escolar. Era um trabalho muito mais de natureza  
 de trabalho aligeiro de natureza. Por iniciativa do governo que oriento,  
 tempo estava a estudar os métodos de ensinar que julga interessantes, mas que  
 se tornou ao possível, parecendo obter-se assim um melhor rendimento, que ainda é  
 dele para tirar conclusões. Não tem, meu livro não que seria um muito pouco que  
 se e por ele veria, se um dia quiserem dar-me as honras de uma visita. Não se  
 recebe as meus parabéns e agradeço que aceita as melhores cumprimentos de  
 estar a go (a) Alfredo Franco

Come os tempos e os homens mudam.....

Em 1947, solicitei per um amigo meu a escrever uma serie de artigos, acerca de necesssidade da criaçõe de escolas profissionais nos distritos nortenhes, para e que, alem de dois jernais de Perte, aproveitai também es semanaries de Família e de Guimarães, nelse publicande uma serie de elementos estatisticos des problemas locais, a respeito das populações respectivas e des temas gerais de ansine, entre estes a biometria infantil e a assistencia clinica às crianças em idade escolar, dadas as nossas amistasas relações que nos ligavam, mandei ao dr A France dois eu tres exemplares de jernais que inseriram tais escritos meus, com uma atenciosa carta. É evdidente que se devida a tais relações, e viãto que de annoa antes nos conheciamos na Vez de Operario, eu pederia ter semelhante atrevimento, mas sem deixar de lhe penderar quante, em mate-ria de tal alcance social e educat,ivo, estãmanos ainda atrasdes.

Com a data de 4 de maio de 1947, e então <sup>de novo</sup> ~~de~~ medico escolar, manda-me a carta que aqui vai per copia fiel:

Senhor Domingos da Cruz, meu exmo Amigo:

Recebi na altura devida o "Noticias" de Família" que teve a gentileza de me enviar, e onde li o seu "fundo"

Uns dias de doença, primeiro, es costumades afazeres, depois, fizeram com que se he-je me fosse possível escrever-lhe para agradecer e ao mesmo tempo, as minhas felicitações muito sinceras. E envie-lhas com muita satisfaçõe e não apenas per mera formalidade porque o seu artigo veio prevar-me que as suas faculdades intelectuais, ao contrarie de que o meu Exmo Amigo per mais duma vez me tinha afirmado, se mante- em na sua plenitude. É o mesmo estile correcte que eu ha anos apreciava e a mesma facilidade de traduçõe de pensamentos; a mesma profundidade de conceites. O seu espiri- te, apesar des cheques que tem sofrido, mantem a mesma vivacidade. Já vê, portanto, como tenho razões de sobra para o felicitar e acreditar que que fei com a maior simpatia e mais intima alegria que li o seu trabalho.

Quante aos trabalhos que que o meu Exmo Amigo fez na Vez, não fei totalmente per- dide. Durante alguns anos continuen-se com a mesma orientaçõe. E fei precisamente a esse trabalho que ali se fez que um medico, Dr M. Monteiro Pereira, se não estou em erre, fei buscar es elementos para um livro que publicou, sobre a Criança Es- lar. Fei des desses boletins que se serviu para o seu estudo, tendo até tirado con- clusões interessantes e dando o merecido destaque ao facto de ter sido <sup>2ª</sup> vez selhar parte des seus dados. Mais tarde, esse trabalho interrompeu-se; não per que não tivesse merito, mas apenas porque, como o meu Exmo Amigo sabe, a natureza es- pecial da nossa populaçõe escolar faz com que tenham muitas vezes de selhper-se as tarefas clinicas às pedagogicas. Per iniciativa do gshinete que oriente, tem-se estade a ensaiar um metede de ansinev que julge interessante: homogenisar as turmas no possível; parece-me obter-se assim um maior rendimento, mas ainda se cede para tirar conclusões. Sabe bem, meu Exmo Amigo que seria com muito prazer que eu o per cã veria, se um dia quizesse dar-se ao incmodo duma visita. Até lá, renove es meus parabens e peço-lhe que aceite es melhores cumprimentos de Am- ader mº gte (a) Alfredo France

2

O sublinhado da copia da carta é meu. As palavras assim destacadas dispensam quaisquer comentarios. Mostram bem o exagere da leuvinha, a contrastar com ataques posteriores e com a negação das qualidades que então me attribuia. Confessa que os trabalhos de biometria infantil foram meus. Confessa tambem que teve de os interrumpir, porque as exigencias clinicas se lhe impuzeram ás pedagogicas. Que especie de clinica, pergunte em? Mas diz que foram mais tarde retomadas, e que não é verdade. Diz que os boletins serviram para um medico enaltecer tais serviços da Vez, e mesmo tirar deles conclusões interessantes. Alude a uma iniciativa sua, para melhor homogeneização das turmas de crianças, e que dois anos depois lá não encontrei, nunca ele tende visto com bens elha a espontanea e gratuita intervenção de um verdadeiro pediatra escolar, o Dr. João dos Santos que, por falta de estímulo, alias bem merecido, abandonou tão importantes serviços, pouco tempo depois de eu vir embora. Termina por desejar ver-me por lá, e eu sei com que sinceridade de, como depois se viu.

Com me cupria, respondi a esta carta, lege em 16 de mesmo mes. Conserve copia dela. Agradei as imerecidas referencias, e voltei a lamentar que não se tivesse perseguido na biometria. Apelei mais uma vez para ele, no sentido de a Vez de Operarie, em materia de ensino e assistencia á infancia, vir a ser o que tantos eschadros habiam esboçado e constava já de um programa pedagogico e de um regulamento dos serviços escolares em que ha um hospital destinado ao serviço medico-escolar. Só pequena parte de tais artigos foi cumprida. O resto, depois de eu vir embora, continuou let a morta. Os factes o dizem. Nem biometria, nem visitas ás demais escolas privadas e o resto.

Como depois me viesse o livro de que o medico escolar me faleu, nele vi, com effeito, uma allusão aos serviços de biometria da Vez. Como eu estava então a rever as provas de uma colectanea de artigos sobre o ensino profissional que tinha publicado na Revista da Associação Industrial Portuguesa, para uma separata que deu de 2 a 48 e 49 dela, anotei, a correr, o trabalho de Dr. Monteiro Pereira, que, talvez por falta de indicação de quem devia dar-lha, leu e honestamente, não referia no seu livro o autor e o praticante de tal biometria, tendo-me

permite mesmo discordar, em tal anotação, de certas comparações que o autor em questão pretendia fazer entre tipos de crianças e adolecentes muito diferentes. Com lealdade, mandei a minha separata ao autor em questão, que nunca me respondeu, assim como ofereci um exemplar ao medico da Voz. ~~Me~~ a varios amigos meus tambem dela Dix oferta, es que perventura ainda a tenham e venham ~~compartilhar~~ acompanhada esta infelicissima questao, podem agora certificar-se de que tudo quanto escreve, em desafrenta de gersseires e interesseires ataques, e a pura verdade, alias sobejamente documentada tudo per mim. Mostrearai toda a documentacao a quem a quizer ver.

Em principio de 1949, contra a minha vontade e sem o esperar, voltei segunda vez para a Direcção da Sociedade. Sofri pelo abandono a que tudo aquilo havia chegado. Esforços renovadores de 1924-1925, canceladas de 1929 a meados de 1930, retomadas em 1932 a 1936, mas nestes dois ultimos periodos sem responsabilidades directivas, que recusei, mas não pedendo eximir-me a fazer parte da Comissao de Instructao, per insistentes e reiteradas solicitações, quase tudo se havia perdido. Encontrei a Sociedade ~~em~~ <sup>com</sup> dividas, em deficito, repare-se bem, de algumas dezenas de contos, tudo sujo por dentro, mobiliario deficiente e em pessimo estado, e pessoal menor com os seus fardamentos retos, tudo e pessoal mal pago, etc, ~~etc~~ etc, como pode ver-se dos relatorios das minhas gerencias. Nem assistencia escolar, nem biometria, nem ~~das~~ fichas, uma ginastica a fingir de educaçao fisica para crianças, e diabo. Metemos ~~em~~ <sup>em</sup> a tarefa e tudo foi sendo melhorado. A nessa gerencia teve de pagar obras de uma gerencia anterior, vencimentos em atraso <sup>créditos</sup>, ~~entre~~ caletes, como papel ~~para~~ e jornal, tendo-nos até valido, num momento dificil, alem de uns poucos sobras que eu pude emprestar, um emprestimo mais avultado de um zelosissimo empregado que ainda lá está e cujo nome bastantes de meu tempo sabem de cor. Heira lhe seja.

É claro que, tiveram de começar as minhas intervenções indesejaveis e insensatas. Indesejaveis, foram-nas com certeza. Insensatas, talvez e não feassem, porque, ao fim de quase cinco anos de arduos labores, trabalhando dia e noite, sem receber vinçom e antes lá tendo deixado umas centenas regulares de escudos, os serviços deixaram de funcionar automaticamente, cada qual no seu lugar, mas tudo sincronizado, tudo

4

orientado per quem tinha o dever de o fazer, e deve, e o direito, de modo a não ser tão facil, como nos <sup>anos</sup> ~~anos~~ que me antecederam, a Sociedade ser <sup>lesada</sup> ~~lesada~~ em <sup>menos de meia centena</sup> ~~menos de~~ <sup>centenas</sup> de centes, e que metiven uma das minhas primeiras intromissões, <sup>indesejáveis</sup> ~~indesejáveis~~, por certo, fazendo punir e culpado pelos tribunais competentes.

Ac vir embora, lá ficaram quase mil centes de dinheiro contado e depositado, com uma cantina escolar que ainda não <sup>tem</sup> rival em Lisboa, um balneario, matreiam abundante e tudo em bom estado, <sup>incluindo modernas aparelhagens cinematograficas</sup> e pessoal melhor pago, incluindo tudo o professorado etc., não contando com o prestigio que a Sociedade pode reconquistar e que muito havia perdido. De forma que agora, ao saber de certas atitudes, mesmo por parte de quem para o caso havia contribuido, pergunto <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>si</sup> ~~si~~ <sup>minha</sup> ~~minha~~ eu da Colectividade não <sup>tenho</sup> ~~tenho~~ um momento de serena analise de factos que seria melhor esquecer e não darem motivo a tudo <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>termos</sup> ~~termos~~ de lembrar a certas desmemorias.

Seria longo enumerar tudo o que se recomeçou ou iniciou logo em 1949, para se rearrumar e reper um pouco de ordem na Casa. Me que repeta ao medico escolar, vai apense a este esboço de processo, a copia da carta em que eu tive de repellar falhas de verdade, basefias e infundadas ataques que me dirigiu no seu relatorio, respeitante ao ano escolar de 1953-54 e que por elementar dever de lealdade e de disciplina interna nunca deveris ter sido mandado imprimir e circular. E fez-se isto até com certa e estranhé <sup>frontes</sup> ~~frontes~~ <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>infelicidade</sup> ~~infelicidade~~ papal, embora eu facilmente descortino quem insinuou tal cusadia, vilissima, alias, pois continue a considerar os homens que constituam a Direcção que tal publicação autorisou pessoas de bem e mesma amigas, <sup>se</sup> ~~se~~ <sup>e</sup> ~~e~~ <sup>tende</sup> ~~tende~~ <sup>feito</sup> ~~feito~~ <sup>perque</sup> ~~perque~~ <sup>nao</sup> ~~nao~~ <sup>leram</sup> ~~leram~~ <sup>previamente</sup> ~~previamente~~ o amentado de preversidades que em tal relatorio se centem.

Perque <sup>nao</sup> ~~nao~~ <sup>dispense</sup> ~~dispense~~ de referir todas as minhas intromissões, <sup>in</sup> ~~in~~ <sup>felizmente</sup> ~~felizmente~~ <sup>ben</sup> ~~ben~~ <sup>necessarias</sup> ~~necessarias~~, <sup>antes</sup> ~~antes~~ <sup>e</sup> ~~e <sup>nao</sup> ~~nao~~ <sup>divesses</sup> ~~divesses~~ <sup>side</sup> ~~side~~, alem de <sup>umas</sup> ~~umas~~ <sup>outras</sup> ~~outras~~ <sup>duas</sup> ~~duas~~ <sup>ou</sup> ~~ou~~ <sup>tres</sup> ~~tres~~ <sup>que</sup> ~~que~~ <sup>maior</sup> ~~maior~~ <sup>na</sup> ~~na~~ <sup>lingua</sup> ~~lingua~~ <sup>carta</sup> ~~carta~~ <sup>acima</sup> ~~acima~~ <sup>citada</sup> ~~citada~~, para aqui traslade apenas <sup>umas</sup> ~~umas~~ <sup>das</sup> ~~das~~ <sup>primeiras</sup> ~~primeiras~~ <sup>de</sup> ~~de <sup>taes</sup> ~~taes~~ <sup>indesejáveis</sup> ~~indesejáveis~~ intromissões. Trata-se de um despacho que lancei num relatorio de medico em <sup>que</sup> ~~que~~ <sup>taes</sup> ~~taes~~, como facilmente se deduiu e datado de <sup>mvw</sup> ~~mvw~~ 3 de abril de 1950.~~~~

"Estes numeros, respeitantes a um periodo que não se esclare nem o lectivo, convem que de futuro sejam fornecidos finde este ultimo, para serem publicados com a estatistica escolar."

7 a demotax 5  
" Assim desacompanhadas de quaisquer elementos informativos, não querrespeita a ne-  
selegia, muito principalmente sobre as doenças mais predominantes nos pequenos  
educandos, pouco significativas eles têm. Nas 1800 consultas, cifra elevadíssima,  
uma tal morbidade que seria apavorante se tivessemos de aplicá-la ao País, se-  
ria conveniente saber-se quantos alunos foram objecto de tais consultas, as  
doenças predominantes e os resultados de qualquer acção terapêutica, demais quando  
se aponta o elevado numero de 711 injeções, sem se dizer, resumidamente, embora  
em que elas consistiram. Também aparece altíssimo o numero de curativos, em grandis-  
sima maioria dos casos simples escoriações, a que uma ligeira desinfectão pede  
tirar a classificação de curativo. É que tal cifra nos dá a impressão de que têm-  
mos um verdadeiro bancal escolar, com uma frequência proporcionalmente  
muito superior à de um bancal hospitalar. ( Nada menos de 1860 curativos )

" Nada ha que referir aqui quanto ás consultas, curativos e injeções ministradas  
ao pessoal, ao que parece também de elevada morbidade, porquanto semelhante assistên-  
cia não é da obrigação de medico escolar. É visto que começou na actual ano lectivo  
a visita medica ás demais quatro escolas privativas ( e que, alias era de regulamen-  
to mas não se faziam ) com a ida a elas dos alunos das escolas de contracte mais  
proximas daquelas, convem que na estatística de presente ano escolar e nos futu-  
ras tal discriminação se faça. ( a) Dominges da Cruz ) " ( Veja verso )

Velteu este relatório com o despacho acima transcrito, para o medico dele tomar conhe-  
cimento. Estará arquivado, como devia estar e lá ficou? Ignoro. O medico não respon-  
deu. Mas lá teve mais cuidado de futuro, no alardear de serviços, visto que no rela-  
tório despitante a 1953-54 aquelas incôcebíveis cifras logo baixaram, os curativos,  
para 825; as consultas, para 783; as injeções ( talvez nestas entendendo as que a en-  
fermeira dá a clientes seus e da policlinica, com alcool, algodão e serigms da  
Sociedade, mas fazendo-se pagar delas ) para 152. Nos anos seguintes tais cifras  
continuaram a cair, embora sendo sensivelmente igual o numero de alunos, até fi-  
carem em menos de um terço de que eram. Quando é que se relatou com verdade? Não sei.

O homem que, em dezembro de 1953, quando tinhamos convidade o senhor Pedro Duarte  
para me substituir na Direcção de 1954, me afirmou que, se estivesse a uma escolha  
em sua mão, e seu primeiro candidato seria eu, logo na primeira relatório que a-

presentou depois da minha saída, não teve pejo de escrever-me que "durante a  
gerencia daquele meu substituto, pude trabalhar sem ter havido interferencias in-  
desejáveis ou insensatas, nas realisações que efetivei com um esmero superior  
ao que determina o Regulamento. ( Esteve muito longe de o cumprir, sequer ) Gaba-se  
de haver conseguido as vacinas e a pesquisa anti-tuberculosa para os nesses alu-  
nos, e que não é verdade, esquecendo que tudo consta da correspondencia que para tal  
expedi e deve estar arquivada, e da qual ele teve conhecimento. Se fala verdade  
quando me considera um a saber de biometria infantil, enquanto reputa ser um  
tecnico e professor de educação fisica que lá encontrei. Mas um amador que durante  
alguns anos antes empunhara uma fita metrica, se utilizara de esferometro e de  
balança craveira, não pedendo eu afirmar se e mesmo acentuara alguma vez com o  
medico escolar. Pelo menos na vez nunca tão e vi fazer, não ignorando ele, alias, que  
tal material, por mim adquirido a pedido de uma Direcção de 1929, mas pago  
pela Sociedade, já estava em uso quando ele para lá foi. Outros nomes de competencia,  
de verdade e de delicadeza centem o famoso relatório, como se verá adiante.



6  
Ao ler, com justificando e também delerese espante, e relaterie de medice escolar,  
se eu fesse um peltraão, um incenciente e não tivesse a neção das responsabilidades que assume quem dirige, com total isenção, como é preciso que a tenha, uma instituição como a Vez de Operararie, que não ~~se~~ <sup>deve ser</sup> asile de ~~incompetentes~~ de maldeses e de mandriões, visto que ela vive à custa de suer de milhares de eperaries e de aderentes bemfazejes, é que eu não teria um asseme de indignação. Manifestei-me na carta que dirigi à direcção que nos substituiria e que aqui se junta per cepia, como peça importante deste escabrese processo, no qual, entretante, se emitem outras que pedem um dia vir também à luz. Ao redigi-la, confiei que a aludida direcção a remetesse com visto ao meu acusader, como eu naturalmente faria, e éra de elementar dever, Aguardei em vão. Só depois vi a saber que o medice não teve dela conhecimento, eu pelo menos, não tugi nem mugã. E o traíçoero ataque pelas costas ficou. Só depois seube que nem tedos es membros da direcção de então conhecera e meu legitimo desferço, que teria wutra forma se a saude me permitisse. A unica reacção que conheci

a tão inqualificavel atitude, fei a carta que recebi de pñher Pedro Duarte, com tede e aspecto de documento partilar, embera escrita em papel da Sociedade, mas sem numero de processo ou qualqur indicação de archive. Para aqui a trancreve tambem, lamentando ter de o fazer, para que a dentuça de interesse eu da vil calunia não empeçenhe pessoas de bem. Eu sei. Fraquezas. O interesse da Sociedade muito abaixo de interesse pessoal, ela a pagar serviços que são os beneficiarios de certos favores deviam pagar. Tenho pena. Apesar de tudo, quem assim procedeu, manifestando que sentiu o meu legitimo direito de preteste, a minha razão, a minha noção, mas apenas intimamente, pois talvez nem es seus colegas da Direcção conhecessem a carta que recebi, ainda e me considere um pessoa de bem e merece a minha estima. Segue a carta:

" Lisboa, 15 de Julho de 1955. .. Sr Dominges da Cruz- Lisboa- Presade Amigo e Senher. A comissão Administrativa temeu complete conhecimento da sua carta respeitante ao relaterie dos serviços medice-escolares de 1953-54. O seu honrese passado de trabalho dentro da Vez de Operararie, o zelo, a dedicação e a honradez com que Dominges da Cruz celaberru destacadamente na sua administração, dificilmente podem ser excedidos, embera um eu entre teimese como eu, possa ter a veleidade de o queaerem imitar. Creia que deseje deixar a administração em fins de corrente ano, e que sinto não me ser possível sair com a esperança de a mesma voltar enquadrada numa administração presidida por Dominges da Cruz. Afirme-o sinceramente, diga com orgulho que conhece e deu valer, a maneira sentida e abnegada com que o Sr serviu a Vez de Operararie. Como certamente o Dominges da Cruz compreenderá, estas minhas palavras pretendem afastar para bem longe a suposição, de que tenha havido da minha parte, em qualquer momento, o preposite de ferir ou mplestar um homem, que merece o meu respeito e a minha estima, pelo interesse indesmentivel, que desde longe a Vez de Operararie lhe merece. Quando medite algumas vezes, sobre as escabresidades da Vez de Operararie, verifique com tristeza, que quem fica ~~mas~~ sempre a sangrar é a Instituição, embera outra não conheça de fins mais humanitarias, de que aquela a tue ambas perentencemos, ha perda de 45 anos. Per mim, pense em actirar-me, diggestese decerte, mas tudo farei para esquecer e que sefri, que nada é, comparado com o muito que a Vez de Operararie ainda terá de realizar, sem esquecer embera, e muito que deve aos homens que per ela passaram, da tempera de Snr Dominges da Cruz. Cumprimentos



8  
perta de entrada para o gabinete dos medicos da policlinica que, se ele não tivera tal aumento, foi porque verbalmente dehe prescindiu, e que entãww lege lhe agradei pessoalmente, em nome da Direcção e repeti no Jornal, como pode ver quem felhear a sus collecção. Mas acrescentei que seria portador de seu pedido, embara tarde, por já nada podermos fazer, approvede que estava e nesse erçamento pela estação oficial competente, portanto, sem a verba para tal aumento, embara recomendassemos o assunte para a Direcção nessa successera, ficando o pedido extrade em acta e arquivada a sua carta. Assim se fez, reunida a direcção, com a concordancia de todos, como nãmm era de esperar, dada a nessa impossibilidade legal de pœcedimento diferente. Depois de tal deliberação tomada, pedi ao secretario da Direcção que temasse nota de declaração quã ia fazer, de minha mera responsabilidade, sem carencia de quaisquer considerações, salva qualq̃er que os meus colegas entendessem dever fazer. Lá ficou tambem lavrada na acta da nessa ultime ou penultima sessão, sendo pouco mais ou menos de teerr seguintes: "O senhor Dr Alfredo Franco, ao formular o seu pedido para o aumento dos seus vencimentos, não teve em conta que, como medico e director da policlinica, tira dela, mensalmente, a acrescer os ~~meus~~ vencimentos como nesse medico escolar, nuncz nada menos de dois ~~mil~~ mil escudos. Esquece tambem que guarda o seu automevel na nessa garagem das ambulancias funerarias, ecenemisando, tambem mensalmente, pelo mence duzentos a trepentes estudos." O silencio dos meus colegas temei-o como o reconhecimento tacito das minhas declarações. Lá deve estar ainda o livre de actas.

No dia seguinte, chamei o empregado que era ainda entãe da confiança da Direcção e encarreguei-o de comunicar por escrito ao interessado que ficara extrade na acta, e respeito de seu aumento de vencimentos, isto é que a Direcção, não podendo atender o seu pedido, o deixara arquivado para deliberação posterior de que viesse. Ordenei tambem ao mesmo empregado que me tirasse uma copia das declarações que eu ditara para a mesma acta, acerca de que o medico recibia da policlinica e ecenemisava guardando seu carro na nessa garagem dos serviços funerarios, mas que devia considerar confidencial tal declaração, pois desejava guardar tal copia que ainda possuia, salvo, evidentemente, igual desejo de qualquer dos meus colegas. Tenho fundadas razões para crer que o deslealissimo empregado, ao comunicar ao medico a nessa deliberação, como eu lhe ordenara, lhe forneceu tambem uma copia das minhas dehlarações. É que, poucas horas depois, tive elementos de sebebeje e mesmo imprecises testemunhos de que estavamos bem mal servidos em materia de lealdade de quem não merecia ser depositario da nessa confiança. Outros factos posteriores e vieram depois dementrar. Cemente e ajuize agora quem, com sinceridade, imparcialidade e



*Cópia*

Exm<sup>o</sup>. Senhor  
Presidente da Comissão Administrativa  
de A Voz do Operário

Ref<sup>o</sup>.: ao relatório do médico escolar,  
respeitante ao ano de 1953/1954

Quando o actual presidente da Comissão Administrativa já estava indicado  
Com certeza não houve da parte de V.Ex<sup>as</sup>. o propósito de se associarem ao traiçoeiro ataque que me dirigiu o médico escolar da colectividade, ao publicarem o seu relatório, ao mesmo tempo uma flagrante fotografia mental e moral de quem o subscreveu.

Também essa Comissão Administrativa, quero supor, não pretendeu, com semelhante publicação, melhor vincar a pobreza mental e moral do aludido médico.

Se, mesmo sofrendo horrorosamente, da cama dito esta carta, é apenas porque são muito importantes os problemas em causa, e não porque o aludido funcionário me mereça a mais leve consideração.

Quem tanto falta à verdade e rasteja miseravelmente, torna-se digno do maior desprezo.

Sumariamente, e enquanto não lhe der a latitude e a publicidade que o caso merece, vou rebater, uma a uma, as falsas afirmações do médico-escolar de A Voz do Operário. E é fácil. Basta solicitar a V.Ex<sup>as</sup>. o favor de lerem, pelo menos, a correspondência e os documentos que adiante vou referir, manusearem as fichas arquivadas, compulsarem as ordens de serviço e fazerem uma rápida leitura do que se publicou no órgão associativo entre Maio de 1949 e Dezembro de 1953, isto é, durante o tempo em que pertenci à gerência, para reconhecerem a levandade de tanta afirmação e maldade de tão estranhos procedimentos.

Custa a crer que um empregado que há tantos anos vive principalmente da colectividade, tão mal a sirva, a ponto de ignorar o que mais devia saber e acompanhar.

Em nome da dignidade das direcções a que presidi e a bem dos problemas em causa, não podem V.Ex<sup>as</sup>. deixar de compulsar a documentação respectiva. De duas uma: ou o médico escolar destrói tudo



o que a seguir afirmo, mas sendo necessário destruir o próprio arquivo social, os relatórios dos serviços, incluindo os dele e os do professor de educação física, com as anotações que nuns e noutros deixei, ou então deve ter ao menos um lampejo de dignidade, demitindo-se. Quem tem uma curso superior, contrái responsabilidades morais que não pode alienar.

Quando o actual presidente da Comissão Administrativa já estava indicado para ser proposto à Assembleia Geral, o dr. A. Franco perguntou-me quem ia substituir-me. E ao responder-lhe eu que tinhamos convidado o Sr. Pedro Duarte, afirmou-me com aquela hombridade que o caracteriza: "Se estivesse na minha mão a eleição, o meu primeiro candidato seria o sr. Domingos Cruz; depois o Sr. Pedro Duarte". Esta mísera revelação de duplicidade de carácter define uma pessoa. Pode negar o facto porque não tive testemunhas, mas vou amarrá-lo a outros que lá estão documentados no arquivo social. É claro que lhe respondi com soberano desprezo porque já lhe conhecia o baixo estôfo.

Começa o infelicíssimo documento por agradecer à Direcção do Sr. Pedro Duarte a confiança com que o honrou e à qual o relator procurou corresponder, pondo ao serviço da Instituição, mais do que nunca (oxalá tal aconteça, digo eu) a sua boa vontade. "Nunca saiu do âmbito das suas funções mas afirma também, nunca verificou ter havido interferências indesejáveis ou insensatas, nas suas realizações; que desde a vinda do Sr. Pedro Duarte, pôde levar a efeito, sem o mais ligeiro atrito e perturbação, a observação microrradiográfica e iniciar a vacinação pelo BCG, com método, com ordem, com a orientação exclusiva dos técnicos qualificados, resultando assim uma das mais importantes etapas dos serviços de profilaxia da colectividade, de há anos para cá, de que pode orgulhar-se a Comissão Administrativa do Sr. Pedro Duarte, que a tornou possível e em cuja gerência se efectuou." Adiante se historia a verdade sobre a despitagem tuberculosa, citando correspondência e documentos que ficaram e devem estar ainda arquivados e dos quais tenho cópias, por já saber o que poderia vir a acontecer. Enaltece, ele próprio, os muitos serviços por ele prestados. No que respeita ao número de alunos doentes, reincidiu no erro ou falta de honesta anotação dos casos sumariamente

... muito próprio de um mestre de obras, visto que se limitava apenas a falar em pinturas e vidros partidos. Lá deve estar arquivado na



apontados, em termos que nada têm de rigoroso e até de científico. Se V.Ex<sup>as</sup>. lerem as anotações que eu fiz ao relatório do médico escolar, referente ao ano lectivo de 1952/53 e que resumi no nosso jornal, acerca do número de crianças doentes, não-de por certo estranhar a disparidade das cifras, muito variando as percentagens da escola para escola, sem que se tenha pretendido explicar ou estudar a causa, muito mais sendo agora de estranhar que nos alunos da sede social, tomando as refeições em comum, recreando-se na cerca em comum, frequentando salas muito semelhantes, etc., a percentagem de doentes tenha ido de 24 a 70% como ele escreveu a páginas 15 a 17. Longe me levariam outras correcções a fazer, para um trabalho consciencioso. Recordo apenas que, no primeiro relatório que nestas últimas gerências anotei ao médico escolar, os curativos feitos aos alunos, no ano de 1948/49 ou 49/50, não me recordo bem, mas que lá está arquivado, atingiram a espantosa cifra de (1960) quase 1800, o que me levou a escrever que nem no Banco do Hospital de S. José, proporcionalmente tal acontecia, mesmo que na grande maioria dos casos se tivésse tratado na nossa sociedade de simples desinfecções com tintura de iodo ou mercurocromo de ligeiras esco-rições feitas pelas crianças no recreio. O facto é que, nos relatórios seguintes, tais curativos foram decaindo, até chegarem, no último que tenho presente, aos 825, número por certo ainda exagerado, mesmo que agora já se esclareça que se tratou também de simples arranhões. (Vejam-se relatórios arquivados e suas anotações e resumos por mim escritos no nosso jornal). Não admira que tal aconteça, visto que tudo aquilo é feito muito a correr. Basta referir o facto, verdadeiramente inacreditável, de o dr. A. Franco, antes de 1949, desconhecer as demais escolas privativas. Perguntando-lhe eu um dia que tal eram, sob o ponto de vista das suas condições higiénicas e pedagógicas, respondeu-me que nunca as tinha visitado. Respondi-lhe que isso era imperdoável para um médico-escolar, e solicitei-lhe que a visitasse e nos apresentasse um relatório. Começou por chamar à sede social as directoras respectivas a quem pediu uma nota do que precisavam, e só depois visitou tais escolas, apresentando então um relatório que eu anotei, como deficiente, pois era muito próprio de um mestre de obras, visto que se limitava apenas a falar em pinturas e vidros partidos. Lá deve estar arquivado na

secretaria escolar, e estão vivas ainda, felizmente, as mesmas senhoras directoras. Com efeito, eu cedo comecei a ter interferências indesejáveis e insensatas nos serviços médico-escolares, e até no funcionamento da policlínica, para atender a reparos recebidos de vários sócios, até nas assembleias gerais, para corrigirmos práticas de natureza administrativa que motivaram ordens de serviço, e para melhorarmos outros departamentos afins, não em matéria médica, mas de ordem administrativa, como consta de ordens publicadas, por sugestão minha ou dos meus colegas da Direcção. Se até me permitia reduzir as requisições de álcool e de algodão, em exagero, feitas pelo médico escolar, mas sabendo ele muito bem e todos nós que a maior parte de tais artigos eram para a enfermeira aplicar em injeções a clientes que frequentavam a policlínica, os quais particularmente pagavam à referida empregada, que indevidamente é também paga pela sociedade, o que parece, não acontece em nenhuma outra policlínica de Lisboa.

Também me permiti algumas vezes não autorizar a compra de todas as seringas que o director da policlínica, ou médico-escolar, tão confundidas andam as funções, nos requisitava, visto que para uma ou outra rara injeção às crianças chegavam as que haviam, pois os sócios ou não sócios que frequentam a referida policlínica não têm direito a tratamento. Com efeito, era impertinente e indesejável a intervenção do presidente da Comissão Administrativa, tanto mais que de duas vezes que ele se serviu daquele serviço, uma para um electrocardiograma, e outra para uma consulta de olhos, pagou as senhas respectivas, no que não fez mais do que cumprir o seu dever. Mas não foi ele impertinente, ao que supõe, quando atendeu e conseguiu que seus colegas também deferissem um pedido do dr. A. Franco, quando do primeiro aumento de vencimentos que concedemos ao pessoal, e do qual justificadamente havia sido excluída a empregada Aurora Cruz daquele mesmo serviço, por havermos entendido que só como enfermeira-escolar devia ser abrangida, como o fôra. Deve o dr. A. Franco recordar-se que foi fazer tal pedido ao signatário deste, quando trabalhava num escritório por cima das instalações do Banco Português do Atlantico. Ora se um pouco mais de metade do rendimento bruto da policlínica cabe ao seu director, como se mostra nas contas respectivas, que só desde 1949 começaram a ser impertinentemente publicadas no órgão social, por iniciativa minha, restando uma irrisória bagatela para o cofre social, a qual

não daria sequer para limpeza de tais instalações, como no mesmo jornal por mais de uma vez escrevi, não seria de estranhar que o mesmo director pagasse do seu bolso o pequeno aumento que veio a ter a referida empregada. Mas continuemos, salientando apenas, no que respeita aos tratamentos e consultas, injeções e até conservações radioscópicas, que a azafama foi tal que nem nos meses de férias escolares deixou de se trabalhar.... Lá vem tudo apontado no mimo de relatório que estou acompanhando.

Diz o seu autor que se cingisse apenas, no campo da medicina escolar, ao que o regulamento respectivo exige, estaríamos atrasados de algumas dezenas de anos, pelo antiquado de tal regulamento. Há aqui uma lamentável confusão. A função do médico-escolar é mais profilática e higiénica do que terapeutica. Bem mal ajuiza ele do autor básico do nosso regulamento, um dos maiores pedagogos que tivemos, notabilíssima figura moral que prestou serviços notáveis à nossa colectividade, sem o menor propósito interesseiro e antes se demitindo logo que sentiu não poder exercer nela a missão para que fora solicitado e não pedira. Tive a honra de ser um dos que o convidaram, sem pessoalmente até então eu haver conhecido o grande mestre que foi o Dr. Adolfo Lima. Na sua curta passagem pelos nossos serviços escolares, entre outras belas iniciativas reformadoras, deixou-nos o começo do museu escolar, novos métodos didáticos e o projecto do regulamento que, por proposta minha, na qualidade de vogal da Comissão de Instrução, foi então provisoriamente aprovado, para ser revisto posteriormente. Em 1934 ou 1935 na vigência do Sr. Pedro Duarte e sendo também já médico escolar o dr. A. Franco fez-se a revisão definitiva do regulamento, do qual fui relator.

Recordo também que ao Dr. Duarte Ferreira que antecedeu, por concurso, ao dr. A. Franco, devo o prazer de haver aceite com pequenas alterações de melhoria, o boletim antropométrico ainda em vigor na sociedade, do qual fui autor, tendo também merecido a aprovação do Dr. Adolfo Lima. Este impresso já o dr. A. Franco encontrou em uso nos serviços quando foi admitido, não sei em que condições, na sociedade. Muito desejava eu que já então o mesmo e agora referido regulamento fôsse integralmente cumprido. As nossas demais escolas privativas não eram conhecidas do actual médico-escolar, quando regressei à sociedade em meados de 1949. Estavam totalmente abandonadas de assistência cli-

nica as suas crianças e as das escolas de contrato, o que levou uma das primeiras direcções da minha presidência a determinar que o nosso médico-escolar visitasse aquelas periodicamente, impertinência nossa, com efeito, e insensata intromissão, como tantas outras a que tais direcções foram forçadas, para se pôr um pouco de ordem nas autonomias e no caos que em tudo encontramos. Ora isto cria resistências passivas e inimizadas, sobretudo quando se tem, como a tivemos, a plena consciência dos deveres a cumprir e fazer cum prir.

Acerca do Centro psico-pedagógico, devo dizer que não foi sem uma certa e encoberta hesitação, resistência mesmo, que o dr. A. Franco teve de com ele se conformar. Poderia historiar detalhadamente a matéria; talvez um injustificado ciúme e infundado receio de que lhe invadissem atribuições, o que nunca esteve no pensamento do sr. Dr. João dos Santos, grande especialista e que daria um notável médico-escolar.

A respeito de medicamentos, urge desfazer uma capiciosa afirmação do relatório. Quando o seu autor foi para a Voz, não sei, nem interessa saber, em que condições e por quem foi levado, já a sociedade fazia distribuição de algumas drogas a crianças. Eram elas pedidas pelas direcções anteriores em circulares por mim redigidas ou propostas a vários laboratórios e também pessoalmente, a médicos meus conhecidos. Cito, sem receio de honesto desmentido ou pouco habilidoso menosprezo (sem deixar de reconhecer que também o actual médico-escolar tem feito semelhantes pedidos), uma valiosa e grande oferta do actual Enfermeiro-Mor dos Hospitais, o sr. Dr. Emilio Faro, a quem pessoalmente pedi. Foi ao seu consultório um continuo nosso que trouxe um não pequeno cabaz cheio de medicamentos vários. De outros médicos tivemos semelhantes ofertas, assim como de laboratórios, aos quais nos dirigimos em circular impressa, creio que logo em 1929, ao serem montados tais serviços. E nas últimas gerências de que fiz parte, ao reimprimir-se, modificada por mim, uma circular pedindo donativos para o Campo de Férias, acrescentou-se também o pedido de tónicos e específicos para os nossos pequenos educandos. Devem ainda existir exemplares de tais impressos no arquivo. Na sua falta, posso mostrar um que tenho na minha providente colecção. E várias ofertas recebemos directamente, como ainda em meados de 1953, três volumosos pacotes de embalagens, de um laboratório solicitado pela Direcção, como o podem testemunhar a sr<sup>a</sup>. professora D. Adriana Adegas e outro pessoal. Também a empregada Autora deve estar lembrada

de me ajudar a inventariar tudo o que ficou num armário do gabinete do médico-escolar, ofertas várias que a sociedade então vinha tendo de alguns médicos e laboratórios, a pedido das direcções, inventário que fizemos quando ela me auxiliava nas mensuações, por volta de 1935 ou 36. Se não for exageradamente desmemoriada, deve lembrar-se, para o caso de se pretender duvidar do que aqui vou afirmando, embora de quase tudo se possa fazer fácil prova, pelo arquivo social, pela correspondência recebida e expedida, pelos relatos no órgão associativo, pois essa missão preferente lhe dei sempre, para que todos soubessem o que se fazia e como, pelos livros de actas, pelas ordens de serviço, etc. etc., é fácil consultar outros empregados e documentos.

Campo de Férias: - Neste capítulo, há uma insinuação gravíssima que temos de repelir, tanto pela incorrecção como pelo propósito louvaneiro e também ofensivo que reveste. No meu tempo, só no primeiro ano as crianças continuaram a veranejar em barracas, debaixo de pinheiros, em condições as mais condenáveis. No auge do calor estival, vi-nham elas fazer a cesta deitadas sobre esfiampadas cobertores no chão, correndo o grave risco de adquirirem a febre da carraça, só por milagre tal não sucedendo, vista a chusma de cães que invadiam o recinto. As camas não tinham colchões de arame, nem enxergas, mas umas lonas já rôtas que mal aguentavam os corpitos. Cobertores e lençóis insuficientes e rotos. Ao visitar pela primeira vez tal miséria, da qual não tive qualquer relatório do nosso médico-escolar, prometi a mim mesmo fazer que os meus colegas comigo concordassem na terminação de tais e tão graves inconvenientes. Com efeito, por pura iniciativa das nossas direcções, terminaram tais campos no perigoso chão dos pinhais, e conseguimos, em 1951, obter uma ampla casa coberta, a qual foi caiada e limpa, onde as crianças estagiaram já em bem melhores condições. Nos dois anos seguintes e depois de muitas pesquisas, conseguimos instalar as crianças numa moradia particular em Agualva, onde fizemos que nos acompanhasse, em prévio exame, o médico-escolar, o qual, se não poderia afirmar que as educandas ficariam com alojamento ideal, também nada encontrou ou nos disse que tudo condenasse. Não voltou depois para se certificar da maneira como funcionou o campo, e que seria legíti-

timo esperar de um dever seu. Ora só no ano seguinte, e ainda bem, a Direcção do Sr. Pedro Duarte conseguia obter o que não nos foi então possível, isto é, melhores instalações, apesar dos muitos passos que demos e das pessoas e até do pessoal que incumbimos de as descobrir. Pois maldosamente se insinua que nas nossas gerências as crianças até perdiam peso, isto é, passavam fome, o que, além de maldoso e falso, revela ignorância. As crianças não vão para o campo ou para a praia para engordarem. Vão para melhorarem de aspecto, de funcionamento dos órgãos e aparelhos vitais, para se tonificarem, fisiológica e mesmo mentalmente, e que não pode ser revelado por uma balança de peso e repeso, mas por auscultação e exame à ida e no regresso, como se faz em toda a parte, e onde se assina muito mais do que se chancela, na efectivação de indeclináveis responsabilidades técnicas e científicas. Por muito dedicada que seja a enfermeira, o tal peso e repeso, mesmo que as cifras não estivessem grosseiramente erradas, como se apresentam as do infeliz relatório, nada dizem. Ora tais insinuações são graves, partindo de quem muito raras vezes terá ido aos campos de férias da Colectividade, de quem sobre tal serviço nenhum relatório especial se recebeu, bastando-me também lembrar que nunca vi o nosso médico-escolar assistir às refeições das crianças no seu refeitório antigo ou moderno da sede social, onde eu raras vezes faltava, nunca mandou devolver o pão por mal fabricado, como eu por vezes o fiz, nem dele recebi quaisquer sugestões atinentes à melhoria dos serviços e melhor passado das crianças. Deve rectificar: quando se inaugurou a nova cantina, pela qual nenhum interesse lhe notei, o dr. A. Franco lembrou a conveniência de cada aluno ter uma escova de dentes e uma toalha individual.... Também nenhuma sugestão nos deu acerca da utilização do balneário pelas crianças, ou para simples banhos de limpeza ou como adjuntórios da educação física, posto que o tivéssemos posto para tal fim à disposição do professor respectivo, mediante acordo a estabelecer com a senhora directora da escola e com o médico-escolar.

Detenhamo-nos mais um pouco nos serviços de educação física, pois há matéria vasta sobre biometria e preenchimento dos boletins individuais respectivos. Encontrei, em 1949, como professor, o sr.



Anibal Ramos. Mas não fazia as mensurações, serviço este de que o médico se desinteressara, assim faltando este a um preceito do tal por ele dito antiquíssimo regulamento. Mas ia uma ou duas vezes por semana dar lições de ginástica à escola privativa da Estrela, sem nenhuma vantagem comprovada, e antes com prejuizo de uma boa metodização de tais serviços da escola da sede social. Sem mensurações periódicas e sem periódicos exames médicos, como é que o dr. A. Franco pode saber se é regular a curva de crescimento do educando e se a sua inteligência acompanha ou não o desenvolvimento físico? Um novato estudante de medicina teria vergonha de subscrever semelhante relatório.

Deliberamos por isso, em concordância com o médico-escolar, que se retomassem as mensurações dos alunos da sede, com a respectiva educação física, para o que pedi ao professor Anibal Ramos o favor de ir conversar comigo ao escritório atrás referido, o que ele fez, antes de recomeçarem os trabalhos escolares de 1949/50. Expondo-lhe eu os objectivos do ensino, qual o de procurarmos o desenvolvimento físico e mental das crianças, não para vistosas exhibições de tablado, mas para o robustecimento gradual das mesmas; começando e dando-se a maior atenção à ginástica respiratória, depois das mensurações periódicas o do preenchimento total dos quesitos do boletim individual, na parte em que ele o pudesse ou soubesse fazer, e chamado a atenção do médico para quaisquer anomalias somáticas ou mentais que porventura se lhe deparassem, tal como eu o fizera nos milhares de mensurações e de observações evidentemente sumárias, e para o caso de o médico não tomar a seu cuidado essa função do seu cargo, acabou aquele professor por me afirmar que "dava gosto trabalhar com quem percebia da matéria". É verdade que tive algumas vezes de discordar do modo como ele actuava, embora não lhe negando competência técnica, mas porque o vi mais dado à ginástica desportiva do que à educação física de crianças. Ele próprio, num dos relatórios, lamentou que não lhe proporcionassemos mais ocasiões de exhibir publicamente os seus alunos, para as palmas, talvez, do que eu pessoalmente discordava, insistindo com ele para, sempre que possível, desse os exercícios na cerca, ao ar livre, ensinasse as crianças a respirar, para desenvolvimento torácico, a acusar no uso do expímetro e na biometria torácica, quando pessoalmente e por anotação aos

seu nome por vergonha de haver tido tão mísero cooperador, embora

(An) P. Ramos em Portugal



seus relatórios, aliás desenvolvidos e bem feitos, tive de manifestar-lhe o meu processo de trabalho, do qual nunca me mostrou qualquer discordância o médico-escolar. Pelo menos não denunciou a miserra cooperação que lhe dera um parvoide curioso, quando ele teve a visita de um colega seu, o dr. Mário Monteiro Pereira, que no seu livro crianças escolares, viria a referir-se elogiosamente a tais serviços da Vaz do Operário. Se ao dr. A. Franco parece não ter-se atribuído os trabalhos da biometria, também omitiu o nome de quem os tinha realizado, talvez para não ser apanhado numa falha de interesse por matéria que tanto o devia apaixonar, embora totalmente desconhecedor dela, como tive ensejo de verificar, quando o encontrei como médico-escolar. Pelo menos, nada disso o interessou, como pode ainda verificar-se pelos milhares de boletins que deixou até de assinar, nem mesmo preenchendo quesitos para os quais eu chamava a sua atenção, nos muitos casos requeridos, ou porque não observava as crianças que deviam ser objecto do seu atento exame, por mim solicitado, ou por motivos que desconheço. Ao retomar-se tal serviço, sempre supuz que o dr. A. Franco tomasse a seu cargo a elementar biometria das crianças, como lhe competia, tanto mais que o professor Ramos de certo modo um dia deu a entender que a não considerava como obrigação sua e o deixou mesmo expresso em relatório, o que o dr. A. Franco deve ter lido, pois sempre lealmente mandei os relatórios daquele professor "com vista ao médico escolar", depois de por mim anotados, anotando eu depois também o parecer daquele médico, dele discordando por vezes. Tenho resumos de tais relatórios e anotações, mas parecia-me conveniente que V.Ex<sup>as</sup>. tudo agora lessem, para ajuizarem da sinceridade do autor do infeliz documento que estou analisando. Ele define uma personalidade. Junto a esta um apoucado estudo meu, no qual me refiro ao livro acima referido. E verão o tal trabalho de um curioso, mas que emprestou em tempos ao dr. A. Franco um estudo da matéria, publicado por um médico da Armada, com o qual, entre outros, alguma prática colheu de antropobiometria. Creio que o não terá esquecido. De certo modo serviu para uma honrosa referência ao autor do livro em questão à nossa sociedade. Fiquei a pensar, ao escrever a nota que lancei no adjunto opusculo que o dr. A. Franco omitiu o meu nome por vergonha de haver tido tão mísero cooperador, embora

(an) *de um médico da Armada* *Portugal*

deixei de responder, naquilo a que chegava a minha ignorância



sem alguma vez aspirar a receber da Voz do Operário um centavo, sequer, nunca lhe pedindo e antes centenas de escudos lá deixando. De tudo tenho testemunhas.

Nos papéis que muito providentemente fiz copiar para trazer, na previsão de que eles me viriam a ser precisos, para repetir traiçoeiras e mesquinhos ataques, figuram alguns muito curiosos. Peço-lhes que analisem o boletim antropométrico que pertenceu ao aluno nº. 665, Fernando Marques Pinto, cuja primeira mensuração tem a data de 17-1 (?) 49. O pequeno começou a faltar às aulas e a cometer tropelias, das quais veio queixar-se a mãe dele. Interrogada por mim, tais coisas me contou, que pedi à enfermeira que me trouxesse o boletim do pequeno, para ver o que dele constava acerca dos seus antecedentes pessoais e hereditários. Aparte a identidade dele e de poucos elementos informativos de ordem hereditária, nada constava de antecedentes pessoais. Em branco estavam também os quesitos respeitantes a quase toda a somática do aluno, a quaisquer anomalias físicas e psíquicas e nenhuma observação até então o médico havia escrito sobre a história médica do aluno. No quesito sobre antecedentes patológicos, do qual havia desaparecido, numa segunda impressão modelo, o nome das doenças da primeira e segunda infância, que mais podem repercutir-se no futuro do indivíduo, como sarampo, meningite, convulsões, papeira, garrotilho, etc., nada se havia escrito e estavam então já feitas as suas mensurações datadas de 7/11/50, por sinal incompletas também. Se a ficha não foi posteriormente alterada, pode facilmente verificar-se ainda a verdade do que afirmo. Da mesma segunda reimpressão, feita durante o tempo em que andei ausente da sociedade, desapareceram também os quesitos impressos, para a classificação do aluno, para efeitos da sua educação física, isto é, se devia agrupar-se nos fortes, nos médios ou nos fracos, visto que a ginástica deve ser adaptada a tais grupos, pelo menos temporariamente, sem falarmos dos exercícios correctivos de anomalias corporais, ou mesmo de contra indicações pessoais digo parciais, totais, temporárias e permanentes. Com efeito, para que tais detalhes de assistência médico-escolar, se tais quesitos raro eram respondidos pelo médico, como o podem prever ainda muitas centenas de boletins, que nem assinaturas tem? Ora naqueles e centenas também, que eu preenchi, se não estou em erro, entre 1934 e 36 a nenhum quesito deixei de responder, naquilo a que chegava a minha ignorante

curiosidade, mas infelizmente não suprida pelo zelo, competência e dever do médico, funcionário pago, aliás. O mesmo vinha acontecendo com os boletins já preenchidos pelo técnico sr. Anibal Ramos, como pode ainda verificar-se no original do boletim a que me estou referindo e do qual como de outros, também lamentavelmente falhos, tirei cópias. Perante a ausência de dados que me orientassem perguntei à mãe do aluno se ele não tivera doenças que pudessem explicar o irregular comportamento de criança. Esclareceu-me ela então que em tempos, fora atropelado por um automóvel, com graves lesões na cabeça, pelo que estivera internado no Hospital. E que desde então, o pequeno se mostrava cada vez mais irrequieto, com ausências da casa paterna, o que lhe dava muitos cuidados. Pois nada disto constava dos antecedentes patológicos do aluno. Escrevi na ficha respectiva as declarações da mãe dele, a lápis, e disse à enfermeira que a entregasse ao médico-escolar. Foi então que ele escreveu no boletim o seguinte: "Bastante irrequieto. Há dias tirou 160\$00 ao pai, tendo desaparecido de casa durante quatro dias, parecendo que o dinheiro foi gasto em guloseimas". E tendo eu formulado também a lápis a pergunta na mesma ocasião e referido boletim, se nos antecedentes da criança não teria havido qualquer outra coisa digna de registo, nada mais se acrescentou no impresso em questão. La deve estar, tal qual aqui refiro. De outros boletins tirei cópia, por lhes faltarem elementos informativos interessantes, notando-se nalguns, depois de lamentáveis omissões no questionário, que foram posteriormente escritas certas observações não registadas nas datas do preenchimento e primeira mensuração, o que se mostra até pela diferença da cor da tinta, quando por qualquer circunstância, nomeadamente para efeitos de educação física e ginástica correctiva, em raríssimos casos indicadas, mesmo tardiamente, se reconheceu a lamentável deficiência. Um exame cuidadoso a todos os boletins arquivados, como sumariamente o fiz, logo que me apercebi da desordem e abandono em que tudo aquilo andava, ainda mostrará a verdade do que afirmo, desde, porém que não tenha havido qualquer pouco habilidosa emenda ou propositado extravio.

Nunca me lembro de ter visto o dr. A. Franco assistir a um exercício de ginástica infantil, ao contrário do que sucedia com o Dr. Duarte Ferreira, no tempo da professora Judite Parente, que da-

quele médico escolar recebia preciosas indicações. Não cheguei a certificar-me, e agora o lamento, da veracidade do facto que me contou um dia e então chefe dos serviços gerais da sociedade, qual o de o sr. Anibal Ramos, só depois de um aluno se queixar de que não podia fazer ginástica, por ter então um colete de gesso, se ter visto forçado a dispensá-lo. Outras pessoas na sociedade, disto se recordam e podem testemunhar o que então ocorreu. Confesso que não me repugnou então acreditar, tão desarticulado tudo aquilo andava, demais que já se tinha posto de parte o exame das crianças, ao serem admitidas, serviço este que só fizemos restabelecer em Outubro de 1949.

Tendo eu deixado ao médico escolar e ao professor de educação física a prática da biometria, percebi que o segundo não se sentia a ela obrigado e o primeiro nunca a executou como era dever seu. Nenhum interesse demonstrara por uma função tão importante, assim deixando de estimular aquele professor, o que deixei mais ou menos anotado no relatório deste último. No boletim do pequeno acima referido nada havia escrito que justificasse o porte irregular, mesmo depois de por mim prevenido o médico escolar não ligou a menor importância ao grave atropelamento cerebral da criança.

Ainda a respeito de fichas, bom seria também que consultassem uma que está apenas ao processo de admissão, transitória do praticante Relvas, que pouco tempo lá serviu. Tal ficha, teòricamente muito desenvolvida, com numerosos quesitos àcerca de quasi todos os órgãos e aparelhos do corpo humano, em academismo deslumbrante, mas praticamente ôco, tinha quasi todos os quesitos por responder, nem sequer assinada estando, quando a devolvi para o médico-escolar, a fim de a preencher devidamente, pois até lhe faltava a conclusão final, sôbre se o candidato devia ou não ser admitido. Voltou o impresso no mesmo dia, com mais alguns poucos quesitos respondidos, entre eles a conclusão final positiva. Tenho cópia, contendo a tinta vermelha o pouco que o médico autor da desenvolvida ficha acrescentou ao deficiente e primeiro preenchimento. Para quê tantos esboços de trabalho sempre deficientemente realizado? No que respeita à imperdoável falta de assinatura, como viera o documento, chamando eu a atenção do

autor por um ponto de interrogação no local devido, o facto tem um pouco de explicação no hábito adquirido, visto que demasiadamente se utilizava a chancela, mesmo como autenticidade do que a não permitiria, ainda que aposta por pessoa de nossa muita confiança. No arquivo escolar lá devem estar muitas centenas de documentos a comprovar este acerto. Vale a pena consultarem o processo da admissão em questão, o qual deve estar arquivado na pasta respectiva.

Serviços de profilaxia: Neste capítulo é que muitas correcções há a fazer e lendas e falsidades a destruir, o que a consulta da correspondência arquivada, e o que se escreveu no órgão associativo tanto facilitam. Chega a parecer impossível que o autor do mísero relatório, obcecado em atacar uns e louvaminhar outros, o que nada o dignifica, não tivésse isto presente, quando tão levemente e com menos verdade escreveu. Pois então esclareçamos.

Farto que eu andava de lhe ouvir enaltecer os serviços prestados pela sanidade escolar à nossa colectividade, quando apenas para vacina antivariolicas eu lá vira os seus agentes, o que era digno de agradecer, mas mais cumprindo ao nosso médico fazê-lo, visto que aqueles médicos ou agentes vinham poupar-lhe um serviço que a este elementarmente pertencia; sendo já correntes as microrradiografias e as vacinas antitíficas e antidiftéricas, de que as nossas crianças não beneficiavam, com possíveis perigos individuais e colectivos, (demais quando o dr. A. Franco por mais de uma vez me falara e nos relatórios escrevera acerca das intimas relações dele e dos serviços médico-escolares com aquele departamento do ministério da Educação Nacional), entendeu a direcção que devia dirigir-se à Direcção-Geral de Saúde e àquela outra Direcção-Geral, a solicitar que as escolas da Voz do Operário fôsem incluídas na assistência profilática e na despistagem da tuberculose. Veja-se officio nº. 38, pasta da Direcção, datado de 5 de Abril de 1951, para a Direcção-Geral de Saúde, no qual se resumia a nossa frequência escolar, incluindo escolas de contrato, a vária e pouca assistência médica que prestavamos às crianças, a existência dos nossos serviços de biometria e médico-escolares, as dificuldades financeiras, com que lutavamos e o justificado desejo de que às nossas



crianças fôsem tiradas microradiografias e fôsem feitas as vacinações profiláticas em uso. Logo em 12 do mesmo mês nos respondia aquela Direcção-Geral, comunicando-nos que dera instruções à Delegação de Saúde de Lisboa, para vir oportunamente fazer às nossas crianças as vacinas antitíficas e antidiftéricas como depois vieram. E que, quanto às microradiografias, nos dirigissemos à Direcção de Assistência Nacional aos Tuberculosos, como o fizemos, por nosso officio nº. 51 de 16 de Maio de 1951 (veja-se correspondência recebida e expedida pela secretaria escolar, ensino primário, daquele ano). Repetimos os fundamentos que tínhamos apresentado à Direcção-Geral de Saúde, mandámos também uma relação das nossas escolas privativas e do contrato, com o número de alunos de cada uma delas, e juntamos cópia de uma circular que tínhamos expedido para todas elas, chamando a sua atenção para a necessidade de atenderem o melhor possível o sr. Dr. João Saraiva, chefe dos serviços antitracoma da Direcção-Geral de Saúde, que espontaneamente viera à sede social em despiagem da terrível doença dos olhos, declarando-nos depois que encontrara dois casos ligeiros, o mesmo nos havendo posteriormente dito em relação a mais duas escolas de contrato. Destes factos deu o signatário desta, verbal e imediato conhecimento ao nosso médico-escolar, para ele os comunicar a quem de direito, depois de, se assim o entendesse e era natural, se ter posto em contacto com aquele illustre oftalmologista e distinto médico da Direcção-Geral de Saúde. Quando agradecemos a esta última, a visita do distinto especialista, como o fizemos já directamente a este (veja-se correspondência arquivada) ao mesmo tempo que igual agradecimento lhe endereçavamos, pela prontidão com que atendera o nosso pedido das vacinas profiláticas e da indicação que nos dera sobre as micros, aproveitamos o ensejo para lhe comunicar que já estávamos em contacto com a Assistência Nacional aos Tuberculosos, por nosso officio nº. 51, já citado. Com efeito, esta última, respondeu-nos muito amavelmente, dizendo que deferira o nosso pedido, afirmando que nesse sentido tinha dado instruções ao posto da Rua Tenente Valadim, onde mandamos pouco depois os primeiros grupos de crianças, que ali foram micro-radiografadas, mediante um pequeno pagamento. Mais tarde tal serviço foi montado pela mesma Assistência Nacional, tudo em pouco facilmente reconstituír, até por precisões



numas instalações adequadas do Hospital de Arroios, onde foram alunos nossos, até que, só quasi dois anos depois, a Direcção-Geral da Sanidade Escolar prestava então tal serviço à sociedade, como o afirma o relatório que estou tristemente comentando, Deus sabe com que sofrimentos físicos, o corpo inchado, febril, suportando dores horrorosas, e com que atros estado moral, só para não deixar de responder a tanta indignidade.

Como quer que tivessem ocorrido factos em que entendemos dever interessar a Direcção-Geral da Sanidade Escolar, como a luta antitracoma e a prática das primeiras microrradiografias, mas que nos tinham sido fornecidas pelos serviços da Assistência Nacional aos Tuberculosos, logo naquele ano de 1951, de tudo informamos a referida Direcção-Geral pelo nosso officio nº. 50, de 16 de Maio, do mesmo ano, agradecendo os serviços que o dr. A. Franco nos dizia aquele Organismo haver-nos prestado, e salientando-lhe todas as medidas profiláticas que pudesse tomar nas nossas escolas, cuja relação se lhes mandou com o número de alunos e também cópia da circular que fora para as directoras respectivas, agradecendo também antecipadamente o serviço de microrradiografias que o nosso médico escolar mais de uma vez me dissera que aquele departamento official ia prestar às nossas escolas. Por sinal que dias depois, embora dizendo-se-nos que nada tinhamos que agradecer e agradecendo mesmo os termos cativantes da direcção da Voz do Operário para aquela Direcção-Geral a Sanidade Escolar se lamentava que nós, e eu principalmente, pretendessemos ofender a boa deontologia, o que me levou a repelir imediatamente a insinuação, afirmando que muito bem conheciamos os nossos direitos e deveres, mas tendo a consciência da responsabilidade primária e directa que nos impunha o velarmos pela saúde e bem estar dos nossos educandos, solicitando a protecção de todos os serviços officiais, como o vinhamos fazendo, e com magníficos resultados, no que respeitava à Direcção-Geral de Saúde e à Direcção-Geral de Assistência aos tuberculosos. (Veja-se correspondência arquivada na pasta da secretaria escolar, ensino primário, onde estão os officios recebidos e as cópias dos expedidos, de bastantes dos quais, os mais importantes, eu trouxe cópias). Se nos arquivos faltarem, por qualquer estranho fenómeno, tudo eu posso facilmente reconstituir, até por preciosas

anotações que conservo. Os meus antigos colegas tudo isto sabem e até pessoas da minha consideração, pelo carinho e desinteresse pessoal com que colaboraram connosco, tudo isso podem também confirmar. Ora convém nesta altura referir curiosas coincidências e capítulos desta malfadada questão da profilaxia escolar, relatada com uma leveza que espanta, roçando mesmo pela deslealdade e deslealdade moral, não sei se para alardear serviços que, infelizmente, tão mal documentados e provados se encontram. Não basta pedir aumentos de vencimentos, e vingar-se a gente quando em boa consciência devemos reconhecer que aqueles nem sempre se justificam, mesmo em acumulação de proventos e de benefícios, como se só haja direitos e não deveres a cumprir. Pois então recordemos e copiemos. Em 5 de Abril de 1951, isto é, na mesma data em que pela primeira vez nos dirigimos à Direcção-Geral de Saúde, e visto até então nada se haver conseguido da Sanidade Escolar, entendi que devia particularmente chamar a atenção do médico escolar para certos factos reveladores de menos cuidados. A carta em questão, cuja cópia deve estar arquivada na pasta da Direcção, foi do teor seguinte:

"Exm<sup>o</sup>. Senhor dr. Alfredo Franco: Os recentes casos de duas alunas do ciclo preparatório que se apresentaram com afecções pulmonares, declaradas pelos seus médicos assistentes, ao que suponho, casos semelhantes verificados com alunos primários, e a ocorrência hoje verificada, de um pequeno ~~haver~~ empurrado outro, o que motivou a este último ~~escoriações~~, <sup>uma das</sup> ~~que~~ podendo levar as famílias a protestar justificadamente, levaram-me a manusear rapidamente os boletins antropométricos dos alunos actuais. São raros os que estão devidamente preenchidos, quando confrontados com as muitas centenas deles que eu próprio preenchi há anos, ao proceder às mensurações de então. Em bastantes desde agora quase se registou apenas a identidade do educando; dos seus antecedentes pessoais e hereditários pouco se escreveu também, sendo raríssimas as indicações a respeito de anomalias somáticas assim como quanto a um superficial exame psíquico. Ora a criança de hoje, segundo a sua professora, deve ser um anormal, visto as muitas travessuras que vem praticando, pelo que eu esperava encontrar já anotada no seu boletim qualquer referência que a tal juízo pudemos conduzir-nos. Quanto à educação física, nos boletins em questão é

quase total a ausência de indicação médica, no que respeita às condições em que ela deve ser ministrada. De modo que o professor respectivo trabalha sem a indispensável orientação e vigilância de quem de direito, tanto mais que nem tais boletins estão por V.Ex<sup>a</sup>. assinados (ou sequer chancelados, acrescento eu agora) como verifiquei em todos eles. Desculpe-me que particularmente lhe pondere se não estaremos perdendo tempo para o valioso subsídio que o signatário teve em vista, ao criar, há já bastantes anos, tal serviço na nossa sociedade, tal o de aqui actuarmos, com possível eficiência educativa, em matéria de tamanha responsabilidade, ou mesmo contribuindo a Voz do Operário para um dia todos conhecermos alguma coisa da criança portuguesa, nos seus aspectos físico e mental. Poderemos dar a nossa achega? Se com ela faltarmos, faltamos ao que a nós próprios devemos e também à nossa colectividade. Peço-lhe o favor de devolver à secretaria escolar o relatório original do professor de educação física, sr. Anibal Ramos, por mim anotado e despachado " com vista ao médico escolar " logo que o li em Setembro último.

a) Domingos da Cruz " .

Como se vê tinham decorrido vários meses. Com efeito, as minhas intervenções eram impertinentes e insensatas. Não há nada que mais aborreça do que virem perturbar-nos as digestões, sobretudo quando se trata de refeições duplamente saborosas. Conservo os nomes das alunas acima referidas, e anotações da maneira como foram recebidas nos serviços médico-escolares, aos quais foram presentes pela senhora directora do curso comercial, secção feminina, e também as anotações dos boletins antropométricos respectivos. Talvez que um pouco mais de cuidado, nos tivésse evitado mais maus conceitos das famílias das educandas, demais quando, a respeito das raparigas, se tinha libertado o professor Ramos das mensurações, recordando eu muito bem que pedira ao dr. A. Franco para ele as fazer ou pedir à professora de educação física, por sinal médica também e filha de uma sua colega que ajudara a fundar a policlínica da sociedade, que tomasse tal serviço a seu cuidado, por se tratar

Direcção-Geral de Saúde, recebi daquele a seguinte consulta, que ficou arquivada no gabinete da direcção:



de meninas. E vá lá mais uma triste lembrança; não foi sem certa dificuldade que o dr. A. Franco aceitou na policlínica aquela pobre senhora, com o marido gravemente doente e já carregada de filhos ainda bem nova. E quando, por mim solicitada para ministrar a educação física a tais alunas, pois era diplomada para tal, ela pediu licença para as levar à nossa radioscopia, o que autorizei com justo louvor por semelhante interesse, o dr. A. Franco esboçou certa resistência, perante a distinta senhora, com a alegação de que muito mais depressa se gastaria a ampola e visto que o aparelho só devia servir aos pequenos alunos primários. Repugnou-me tanto o facto, que desde logo disse à médica em questão que o aparelho ficava à sua disposição, mas apenas para os casos suspeitos de despistagem nas alunas a quem ela ministrava a educação física. Ainda felizmente se encontra viva a senhora em questão, que de tudo o que afirmo se deve ainda dolorosamente lembrar. A verdade é que o benemérito e falecido Ricardo Covões ao oferecer tal aparelho, o fez para ser aplicado nos alunos da sociedade e não para servir na policlínica, como demasiadamente o utiliza nos seus clientes o director respectivo, na sua clínica geral, que lhe dá mais de metade do rendimento da mesma, ficando a outra metade para os demais seus numerosos colegas (vejam-se contas publicadas). Muitas vezes eu próprio vi sair da dependência em que está o referido aparelho os consulentes do tal médico, com ele e a empregada da policlínica. De facto, as minhas intromissões eram indesejáveis e insensatas. E tantas desta natureza que eu tive de ter...

Vai sendo tempo de pôr termo a este estendal de misérias, e não terminarei sem referir uma de algumas das mais concludentes, entre tantas que me ficaram na memória, nas notas, nas cópias que possuo e nos factos testemunháveis. Por curiosa coincidência, a que não eram estranhos certos e miseráveis procedimentos, de que a minha boa fé só mais tarde teve pressentimentos, em 8 de Abril do mesmo ano de 1951, isto é, três dias precisamente depois da minha carta acima transcrita para o dr. A. Franco e do ofício para a Direcção-Geral de Saúde, recebi daquele a seguinte comunicação, que ficou arquivada no gabinete da direcção:

"Senhor D. da Cruz:

Foram, finalmente, coroadas de exito as diligências que empreendi e de que há vários meses lhe dei conhecimento, sôbre a extensão às nossas escolas dos serviços da BCG. Embora com muitas dificuldades, consegui que o inspector da Sanidade Escolar, sempre amabilíssimo para comigo, acedêsse aos meus pedidos. Por isso junto lhe deixo o esboço de uma notícia que fará o favor, se concordar, de fazer inserir no nosso jornal. Fica, como digo, o esquema da notícia, podendo portanto modificar como entender a redacção, embora o espírito, claro, tenha que ser o que se exprime. a) Alfredo Franco. P.S. Foi-me entregue a carta que o sr. D. da Cruz me endereçou e à qual procurarei responder dentro de dias". (Nunca me respondeu). Pois se eu tivera a mais afrontosa das intromissões nas saborosas digestões ... E o que resultou da promessa do médico-escolar? Pelo menos enquanto estive na sociedade, nunca a <sup>Sociedade</sup> ~~Sociedade~~ Escolar nos serviu com as micros, as quais continuaram a ser-nos fornecidas pela Assistência Nacional aos Tuberculosos, nas instalações por ela feitas na cerca do Hospital de Arroios. Mas saboreemos a mimosa prosa do dr. A. Franco, num incompreensível e injustificado elogio ao amigo e colega. Era do teor seguinte a curiosa noticia. Apprecie-se e não comentemos.

SAÚDE ESCOLAR

"O nosso médico escolar teve há dias a oportunidade de visitar os serviços de microradiografias da Saúde Escolar, que funcionam no liceu Pedro Nunes. O Dr. Daniel Monteiro, que à causa da Saúde Escolar se tem votado com toda a sua inteligência, trabalho e perseverança, forneceu, com a costumada amabilidade, todos os esclarecimentos acerca do funcionamento daquele Centro, sendo deveras interessantes as conclusões que já se têm tirado, apesar de se ter iniciado há pouco tempo a sua actividade. As instalações, ainda não concluídas, podem considerar-se modelares e a aparelhagem, no valor de centenas de contos, é do mais moderno fabrico, sendo de grande nitidez as microradiografias obtidas. Por ali passaram já alguns milhares de alunos das escolas oficiais da capital. O sr.



Dr. Daniel Monteiro que há já anos atendeu o pedido do nosso médico, no sentido de os seus serviços de profilaxia antivariollica, se esten<sup>derem</sup> às nossas escolas, mais uma vez patenteou a sua gentileza e muito boa vontade para conosco acedendo ao pedido que o dr. A. Franco lhe dirigiu para que os nossos educandos pudessem beneficiar dos serviços de profilaxia anti-tuberculosa em que o distinto inspector de saúde escolar agora anda empenhado. Apesar de elevado número de alunos do ensino oficial trazer ao Centro um trabalho que só a dedicação consegue vencer, prometeu o sr. Dr. Daniel Monteiro fazer quanto possa para que as crianças da Voz do Operário sejam também aliobservadas, o que deve começar a verificar-se ainda no actual ano lectivo, sendo chamados em primeiro lugar os alunos da Escola da Estrela. No futuro ano lectivo e ainda a pedido do nosso médico procurará também o sr. Dr. Daniel Monteiro que aos pequenos educandos da nossa instituição se estendam os serviços de profilaxia antitífica e antidiftérica. Por todas estas razões daqui enviamos ao sr. Inspector de Saúde Escolar as nossas felicitações pela eficiência e extensão que tem sabido imprimir aos seus serviços, o que só podia ter sido conseguido, repetimos, por uma especial devoção ao bem comum; por outro lado agradecemos-lhe profundamente toda a gentilíssima e valiosa colaboração que tem prestado aos serviços de higiene escolar e sem a qual não era possível satisfazer completamente as suas exigências. "

A cegueira da louvaminha conduziu a um comprometedor exagero. Verifica-se que da sanidade escolar só se recebia a vacina anti-variólica. Todas as outras medidas profiláticas tiveram de ser por nós pedidas à Direcção-Geral de Saúde e à Assistência Nacional aos Tuberculosos. Quer dizer que muito antes do sr. Pedro Duarte ir para a presidência da sociedade e sem a intervenção do dr. A. Franco já tudo lá tínhamos.

Em 31 de Dezembro de 1953, isto é, mais de ano e meio depois de tão precocemente agradecidos e louvaminhados pelo dr. A. Franco, os serviços de sanidade escolar, ainda as microrradiografias

eram feitas pela Assistência Nacional aos Tuberculosos e as vacinas antitíficas e antidiftéricas iam ser feitas à sociedade por médicos da Direcção-Geral de Saúde, nos termos em que as direcções da minha presidência, com total alheamento e desinteresse do dr. A. Franco solicitaram aquele organismo oficial. Ora se o médico escolar da sociedade, por qualquer circunstância não pudera conseguir a cooperação da Direcção-Geral da Sanidade Escolar, para que andou ele a enganar-nos durante tanto tempo e até a comprometer, se era verdade o que ele nos dizia, o bom nome daquele Organismo? E depois para que tão grande e descabido louvor, sobretudo precoce? Por isso quando o médico escolar me pediu a publicação daquela noticia, a arqueei, com o despacho de que o seria na devida oportunidade. Esta nunca chegou, infelizmente, porque nunca lá vi ninguém para as micros e tais vacinas. Tão desacostumado estava o dr. A. Franco do cumprimento dos seus deveres, os mais indeclináveis e gratos para um médico escolar que muito raras vezes no meu tempo teve mesmo a delicadeza de ir às escolas da sede social cumprimentar e assistir os seus colegas que iam fazer as vacinas variólicas. Lá estão os papeis todos arquivados. Por sinal que com o projecto de noticia acima transcrito, ficou outro também por ele escrito à máquina, tecendo semelhante elogio a determinadas instalações médicas que fora visitar. Também esta noticia ficou prejudicada, até porque em nada nos interessava.

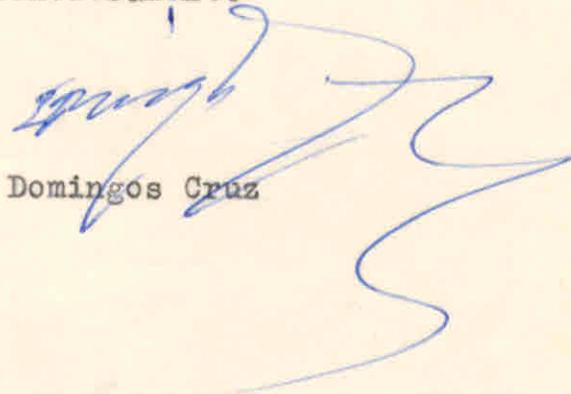
Chega a parecer impossível que tanta inexactidão se escreva, que tanta gabarolice a si próprio se faça, quando um esboço de consciência devia tudo isso fazer calar e antes provocar no rosto a vermelhidão da vergonha e do pudor mental. Pois não pensou o autor do relatório que todas as afirmações que ele fez são falsas e que do seu sujo papel só escorre trapaça, vaidade e ignorância? E, a propósito, chamo a atenção de V. Ex<sup>as</sup>. para a honesta conveniência de não deixarem desaparecer as provas que refiro, isto é, fazendo guardar já a correspondência por mim citada

e outra que à matéria diz respeito, fazerem uma revisão rápida dos boletins antropométricos, lerem os relatórios também por mim referidos e anotados, para que a via afronta não possa ser totalmente consumada. Não deverá ser este o pago a quem está já sofrendo pelo prestígio que levou a todos os serviços sociais, pelo zêlo com que serviu a colectividade e pelo esforço que empregou para que ela não fôsse roça de quem a procurou apenas por baixos interesses pessoais e não como sacerdotio profissional, dos mais sagrados, quando ~~eram~~ <sup>eram</sup> exercidos, o que infelizmente não sucede no caso sujeito.

Agradecendo o favor de uma resposta a esta carta,  
subscrevo-me

Atenciosamente

Lisboa, 3 de Julho de 1955

  
a) Domingos Cruz